



**OJS**

OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

**REVISTA**

**ENSINO DE GEOGRAFIA (RECIFE)**

Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEPE)

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia>

**PKS**

PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

## CAMINHOS E (DES)CAMINHOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A ESCOLA ENQUANTO ESPACIALIDADE CONCRETA

Aldeíze Bonifácio da Silva<sup>1</sup>, <https://orcid.org/0000-0002-5486-4889>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil\*

*Artigo recebido em 21/04/2022 e aceito em 14/12/2022*

### RESUMO

O estágio supervisionado se confirma como uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis docente em prol da transformação da realidade, tendo em vista que teoria e prática são elementos indissociáveis no fazer docente. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva tecer algumas considerações acerca do campo de Estágio Supervisionado em Geografia com base em inquietações que emergem no transcurso do Estágio de Formação de Professores para o Ensino Fundamental realizado na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado em Natal/RN. Dentre os procedimentos metodológicos utilizados estão a pesquisa-ação associada a pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados obtidos demonstram que para a superação do paradigma do estágio como prática instrumental se faz necessário a compreensão da escola enquanto espacialidade concreta. Portanto, a ressignificação do estágio deve partir do entendimento de que a sua finalidade é a promoção de uma aproximação do profissional em formação com a realidade na qual atuará, com a análise e a problematização das ações frente a realidade dos alunos e do ambiente escolar no qual essas práticas vão se integrar.

**Palavras-chave:** formação docente; Geografia; ensino fundamental.

## SUPERVISED INTERNSHIP: THE SCHOOL AS CONCRETE SPATIALITY

### ABSTRACT

Supervised internship is a theoretical activity instrumentalizing the teaching praxis for the transformation of reality, considering that theory and practice are inseparable elements in teaching. In this perspective, the present work aims to make some considerations about the field of Supervised Internship in Geography based on concerns that emerge during the internship of teacher training for elementary school held at the State School Professor José Fernandes Machado in Natal/RN. The methodological procedures used were action research associated with bibliographic and documentary research. The results obtained demonstrate that for overcoming the paradigm of the internship as an instrumental practice it is necessary to understand the school as concrete spatiality. Therefore, the ressignification of the internship must start from the understanding that its purpose is to promote an approximation of the professional in training with the reality in which he will act, with the analysis and

\* Geógrafa, Licenciada e Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Especialista em Metodologia de Ensino em Geografia, E-mail: aldeizebs@hotmail.com

problematization of actions in the face of the reality of the students and the school environment in which these practices will integrate.

**Keywords:** teacher training; Geography; elementary school.

## **CAMINOS Y (DES)CAMINOS DE PRÁCTICAS SUPERVISADAS: LA ESCUELA COMO ESPACIALIDAD CONCRETA**

### **RESUMEN**

La pasantía supervisada es una actividad teórica que instrumentaliza la praxis docente a favor de la transformación de la realidad, considerando que la teoría y la práctica son elementos inseparables en la enseñanza. En esta perspectiva, el presente trabajo tiene como objetivo hacer algunas consideraciones sobre el campo de la Pasantía Supervisada en Geografía a partir de las preocupaciones que surgen durante la pasantía de formación docente para la escuela primaria realizada en la Escuela Estatal Profesor José Fernandes Machado en Natal/RN. Entre los procedimientos metodológicos utilizados se encuentran la investigación-acción asociada a la investigación bibliográfica y documental. Los resultados obtenidos demuestran que para superar el paradigma de la pasantía como práctica instrumental es necesario entender la escuela como espacialidad concreta. Por tanto, la resignificación de las prácticas debe partir del entendimiento de que su finalidad es promover una aproximación del profesional en formación con la realidad en la que va a actuar, con el análisis y problematización de las acciones ante la realidad del alumnado y el entorno escolar en el que se integrarán estas prácticas.

**Palabras clave:** formación del profesorado; Geografía; escuela primaria.

### **INTRODUÇÃO**

O estágio supervisionado é de suma importância na formação docente, momento no qual o discente em formação busca articular teoria e prática nas suas primeiras incursões sobre o seu campo de atuação, a escola. Todavia, o estágio deve ser “visto como uma atividade formativa complexa e significativa na formação do professor” (SOUZA, 2013, p. 108), não se conformando apenas nas tradicionais fases de observação, planejamento e regência, pois existe uma gama de nuances a serem apreendidas no espaço escolar.

A escola, “como uma espacialidade concreta da sociedade” (SOUZA, 2013, p. 111), demanda uma mudança paradigmática para a superação da visão dicotômica erroneamente creditada ao estágio como um momento de prática em detrimento ao campo teórico até então experienciado durante os cursos formativos. Para Pimenta e Lima (2006), o estágio é um campo do conhecimento, e como tal, possui um estatuto epistemológico que lhe nega a simples redução à atividade prática instrumental, devendo se constituir na relação dialética entre cursos de formação e campo social.

Nessa perspectiva, “conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade na medida em que a aula não é um acontecimento isolado em uma

sala, está inserida no espaço social de uma instituição de ensino” (SATO; FORNEL, 2011, p. 53). Assim, a observação da escola enquanto instituição e organismo social dinâmico irá possibilitar ao estagiário o conhecimento, mesmo que limitado perante a complexidade do ambiente escolar e da diversidade dos seus sujeitos, do contexto geral da escola.

Essa aproximação entre observação e observado, objeto de pesquisa e pesquisador, possibilitará que no processo formativo os estagiários percebam que os alunos e todos os indivíduos que conformam a comunidade escolar formam um grupo diverso, com diferentes visões e experiências de mundo que coabitam o mesmo espaço e constroem um ambiente escolar ao mesmo tempo singular e plural. Uma complexidade que reverbera no fazer docente.

Isto posto, o presente trabalho objetiva tecer algumas considerações acerca do campo de Estágio Supervisionado em Geografia com base em reflexões e inquietações que emergem no transcurso do Estágio de Formação de Professores para o Ensino Fundamental realizado na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado em Natal/RN, e justifica-se pela importância que a prática do estágio tem na formação docente.

Dentre os procedimentos metodológicos que deram corpo ao presente trabalho estão a pesquisa-ação (reflexão e empiria) alinhada a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa ação se constitui como uma potente ferramenta investigativa baseada na autorreflexão empreendida por um dado grupo social em um dado contexto espaço-temporal, no intuito de melhoria das próprias práticas, ou seja, “um tipo de pesquisa social com base empírica em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Doravante, o presente trabalho estrutura-se a partir de três eixos centrais: a resignificação do estágio a partir da apreensão da escola como uma espacialidade concreta, a mudança de paradigma por meio da observação e vivência numa escola concreta, e os caminhos e descaminhos traçados no estágio com a proposição de um projeto de ensino-aprendizagem voltado para os alunos da instituição.

## **RESSIGNIFICAÇÃO DO ESTÁGIO: A ESCOLA COMO UMA ESPACIALIDADE CONCRETA**

Tradicionalmente o estágio supervisionado é compreendido como o exercício prático da formação docente em contraposição a um *corpus* teórico. Concepção fortemente atrelada a

adoção da premissa do fazer docente como uma prática baseada na imitação de modelos. O que pressupõe que

A realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. Idealmente concebidos, à escola, competiria ensiná-los, segundo a tradição. Não cabe, pois, considerar as transformações históricas e sociais decorrentes dos processos de democratização do acesso, que trouxe para a escola novas demandas e realidades sociais, com a inclusão de alunos até então marginalizados do processo de escolarização e dos processos de transformação da sociedade, de seus valores e das características que crianças e jovens vão adquirindo. Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; se os alunos não aprendem, o problema é deles, de suas famílias, de sua cultura diversa daquela tradicionalmente valorizada pela escola. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 8).

Não muito distante desse paradigma temos a concepção da prática como instrumentação técnica. Perspectiva na qual o estágio supervisionado fica reduzido ao “desenvolvimento de habilidades instrumentais necessárias ao desenvolvimento da ação docente” (PIMENTA, LIMA, 2006, p. 9). Dessa forma, se por um lado o modelo tradicional condicionaria o estágio a atividade de observação de docentes em sala de aula sem uma análise crítica fundamentada teórica e socialmente no ensino que se processa, o tecnicista potencializa a concepção da prática pela prática, tendo em vista que o treinamento em situações experimentais, apesar de importante, está desvinculado de uma vida escolar concreta.

Destarte, surge em meio a essas concepções uma outra percepção do estágio supervisionado que trabalha na perspectiva da identificação dos problemas das instituições de ensino, configurando-se como um criticismo vazio que contribui apenas para o distanciamento entre as escolas, campo de estágio, e as universidades. Todavia, contemporaneamente existem perspectivas sobre o estágio que buscam superar essa concepção dicotômica entre campo teórico e prático. Nesse sentido, o estágio seria uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis docente, compreendida enquanto atividade transformadora da realidade.

Para Pimenta e Gonçalves (1990), a ressignificação do estágio supervisionado deve partir do entendimento de que a sua finalidade é a promoção de uma aproximação do profissional em formação com a realidade na qual atuará. A análise da realidade deve ser “um esforço investigativo [...] no sentido de captar e entender a realidade, tal qual se encontra no presente, sua articulação histórica, em vista de sua transformação” (VASCONCELOS, 2002, p. 104).

Nesse caminho de ressignificação do estágio supervisionado, a pesquisa se qualifica enquanto uma estratégia, um método e uma possibilidade formativa de mão dupla, na qual temos de um lado, a formação dos futuros docentes, e do outro, o desenvolvimento e melhoria das práticas dos professores da instituição campo de estágio por meio da troca entre os sujeitos. Nessa perspectiva,

A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. Esse estágio pressupõe outra postura diante do conhecimento, que passe a considerá-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estágios e estagiários a assumirem uma postura de ir às escolas e dizer o que os professores devem fazer. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidas na postura investigativa. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 14-15).

Portanto, partindo da premissa de que a Geografia no Ensino Fundamental deve partir da realidade local dos sujeitos, ou seja, das problemáticas sociais locais para que a partir daí possamos introduzir os elementos conceituais e fazer as contextualizações dos fenômenos geográficos que irão permitir alargar a visão de mundo dos educandos, e que a aprendizagem depende das singularidades dos aprendizes, das experiências vivenciadas, suas motivações e interesses (ZABALA, 1998), “o conhecimento da realidade do aluno é essencial para subsidiar o processo de planejamento numa perspectiva dialética, [no qual] devemos ter em conta o aluno real, de carne e osso que efetivamente está em sala de aula” (VASCONCELOS, 2002, p. 107).

Assim, fica patente que o estágio é uma atividade que deve fornecer elementos da prática docente para serem objeto de reflexão, propiciando uma maior compreensão para os docentes em formação sobre a realidade na qual irão atuar. Todavia, como alcançar esses alunos? Como transpor a escola enquanto uma abstração para a realidade concreta? Que caminho devemos seguir?

Dayrel (1996) apud Souza (2013, p. 111), aponta que a escola deve ser concebida como espaço sociocultural que expressa diferenças culturais, tendo em vista que “a aprendizagem não ocorre no vazio, no abstrato, num mundo à parte, mas pelo contrário, num determinado contexto, numa determinada realidade, quer se contemple a própria sala de aula, a escola, bem como a comunidade próxima, ou ainda a sociedade como um todo” (VASCONCELOS, 2002, p. 108).

Corroborando com essa perspectiva, Libâneo e Pimenta (1999, p. 267) defendem que “não há como pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. A profissão docente precisa combinar sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais”. Dessa forma, existe uma relação intrínseca entre a educação e o sistema político-sócio-econômico-cultural que aponta a necessidade de reflexão sobre o contexto escolar geral no qual se irá atuar, e o passo inicial nessa jornada seria “a análise e a problematização das ações e das práticas confrontadas com as explicações teóricas sobre elas, com experiências de outros atores e olhares de outros campos de conhecimento, com os objetivos que se pretende e com as finalidades da educação” (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 17).

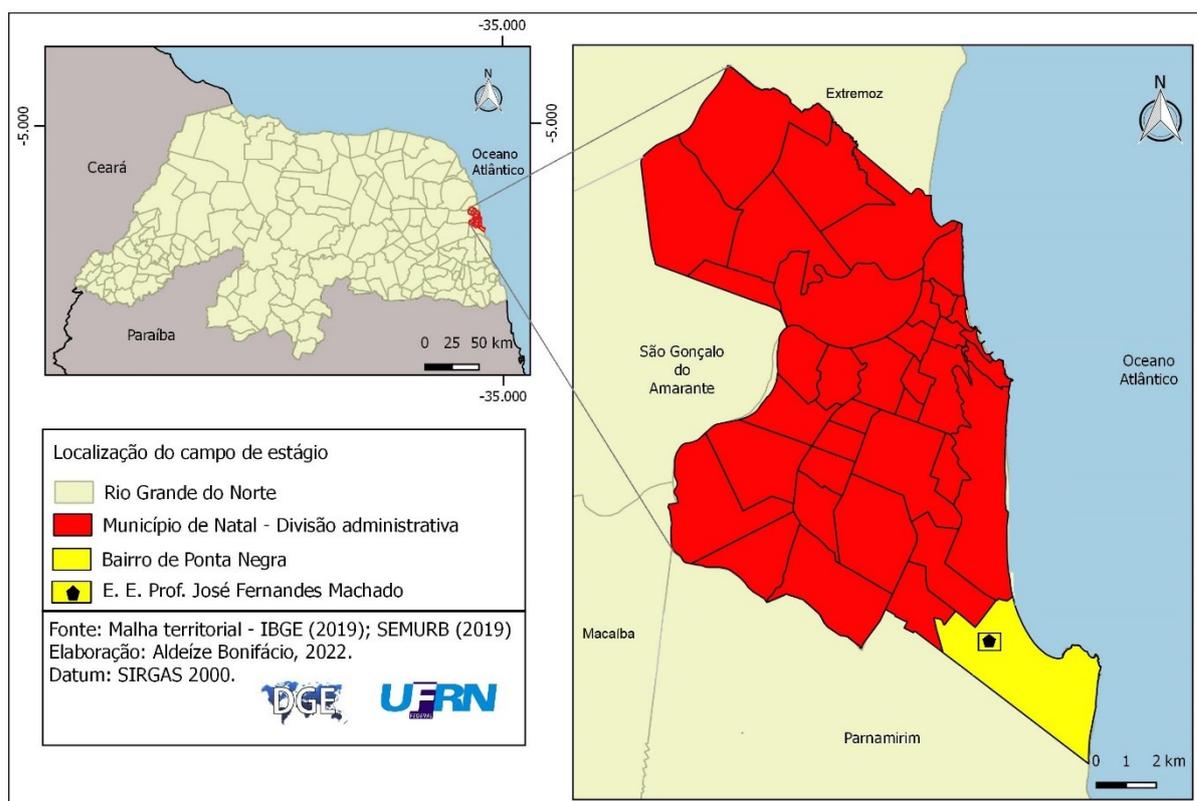
### **DA ABSTRAÇÃO A ESCOLA CONCRETA: A REALIDADE ESCOLAR EM FOCO**

Quando acenamos para a superação da dicotomia entre teoria e prática no estágio supervisionado a partir da mudança de concepção da escola abstrata, para qual concebemos, planejamos e realizamos intervenções desvinculadas da realidade, para a escola concreta, com suas potencialidades e fragilidades, almejamos uma mudança de perspectiva que reorganize nossa maneira de pensar, julgar e agir no que concerne a ação docente e o campo de estágio.

Segundo Machado (1996), o grande desafio para essa mudança paradigmática é tornar as vivências e experiências objetos de análise e reflexão, tendo em vista que normalmente não nos preocupamos com o contexto no qual construímos nossas práticas, sendo necessário transpor do discurso para a ação ao articularmos o real, concreto, e o ideal tangível na desconstrução de idealizações.

Dessa forma, partimos da escola concreta, a Escola Estadual Professor José Fernandes Machado que localiza-se na Avenida Praia de Muriu, no bairro de Ponta Negra, Zona Sul da cidade de Natal/RN (Figura 1), criada no início dos anos 80 através do Decreto nº 8.531 de 09/11/82 do governo do Estado, e que presentemente atua no contexto da Educação Básica com os níveis Fundamental, Médio e Técnico Profissionalizante.

**Figura 1** – Localização da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado



Fonte: Acervo da autora, 2022.

No que tange o espaço físico e estrutural da instituição, a escola possui uma área total de 36.600m<sup>2</sup>, com 3.587m<sup>2</sup> de área construída, sendo as suas dependências formadas por cinco blocos de alvenaria construídos. Cada respectivo bloco possui uma conformação própria, a saber: o administrativo da escola, onde se encontra a direção, a coordenação, a secretaria, a sala dos professores, a sala de multimeios, biblioteca, banheiros e o almoxarifado; o refeitório, com a cozinha e o pátio da escola; e os outros três blocos onde estão as 27 salas de aula, sendo um destes onde localiza-se o auditório e a sala de informática (SILVA, 2019).

A escola ainda dispõe de quadra de esportes coberta, pátio descoberto, área verde, acesso à *internet* banda larga, energia e água da rede pública, água filtrada, alimentação escolar para os alunos, coleta periódica de lixo e fossa. Dentre os equipamentos disponíveis na instituição temos: aparelho de TV, DVD e som; copiadora; impressora e projetor multimídia (*Datashow*).

Todavia, a escola apresenta algumas dificuldades que necessitam ser solucionadas no que tange a aprendizagem (alto índice de evasão e repetência); a segurança (coibir a entrada de pessoas estranhas que se aproveitam da existência de muros baixos) e a infraestrutura (manutenção da caixa d'água, necessidade de retelhamento e combate a infestação de cupim,

falta de acesso para portadores de necessidades especiais, inadequações no depósito de armazenagem de merenda escolar, climatização da escola, aumento do número de bebedouros, entre outras) (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 2019).

No entorno da escola se observa uma deficitária sinalização de trânsito e um bar em frente à instituição, que representam riscos potenciais aos discentes. A maior parte dos alunos matriculados na Escola residem na Vila de Ponta Negra, composta tradicionalmente por pescadores e autônomos que possuem uma renda econômica familiar modesta.

Nesse contexto, mesmo que o foco da instituição seja melhorar a qualidade do ensino através de ações coletivas e democráticas em que todos os envolvidos estejam comprometidos com o processo de ensino - aprendizagem, para viabilizar o exercício pleno da cidadania, o acesso, a permanência e o êxito do aluno (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 2019), a função social da escola extrapola essa dimensão se ajustando à realidade da comunidade a qual ela se insere e as demandas dos indivíduos aos quais ela atende.

Assim, enquanto instituição, a escola é um abrigo seguro para o qual os alunos podem ir em detrimento da vulnerabilidade que correm socializando pelas ruas e vielas do bairro em que residem. Para alguns alunos, a escola se conforma em um espaço no qual podem fugir, mesmo que momentaneamente, de uma realidade familiar problemática. O próprio Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola faz menção a problemas de violência e indisciplina escolar, o que em muitos casos refletem externalizações que possuem causas dissociadas do contexto escolar e da instituição de ensino.

A análise de matérias publicadas em portais eletrônicos de jornais locais e no próprio *site* da Prefeitura do município de Natal, apontam que dentre os problemas que afligem a comunidade Vila de Ponta Negra, e conseqüentemente impactam a vida de boa parte dos estudantes que a instituição atende estão: o desemprego, a violência doméstica, os furtos, as depredações de patrimônio público e privado, a venda e o consumo de drogas. Portanto, essas problemáticas repercutem na escola, sobretudo no que tange a agressividade expressa por parte de determinados alunos.

Outra questão que perpassa a dimensão analisada é o caráter social que a alimentação escolar assume no contexto dos alunos oriundos da Vila de Ponta Negra, que se caracterizam como integrantes de famílias com baixa renda familiar. Dessa forma, a merenda escolar é um aspecto importante na vida escolar, pois pode representar para muitos alunos a garantia de uma refeição certa frente às adversidades encontradas em casa, o que faz da alimentação escolar uma

função social da escola e associa-se às suas atividades educacionais (COSTA; OLIVEIRA, 2018).

Percebe-se que a relação da comunidade com a escola é pouco estreita visto que a população circunvizinha à instituição possui um alto poder aquisitivo, e que o público que a escola atende é composto sobretudo por alunos que residem a cerca de 3 quilômetros da instituição (Comunidade Vila de Ponta Negra). Ademais, outro fator preocupante é a falta de interesse por parte dos pais dos alunos de participar do cotidiano escolar dos seus filhos ou das ações promovidas pela própria escola, tais como atividades culturais dentro do calendário escolar, reunião de pais e mestres, dentre outros. Todavia, até onde podemos considerar desinteresse quando as necessidades econômicas se fazem pungentes e esses responsáveis enfrentam uma rotina laboral diária exaustiva em busca da sobrevivência da sua família?

Destarte, a escola enquanto instituição busca estabelecer uma relação mais próxima com a comunidade, com os pais, os alunos, os professores e demais funcionários. Um dos retornos mais desejados sem dúvidas é o dos familiares dos alunos, tendo em vista que para que haja de fato uma Educação efetiva de qualidade, além de melhorias infraestruturais, aparatos educacionais, apoio e valorização aos profissionais da educação e demais funcionários que constituem o ambiente escolar, é imprescindível o envolvimento da comunidade e dos familiares nesse processo para a obtenção de melhores resultados na qualidade do ensino.

Em suma, ao trazermos essa descrição objetiva (constituição) e subjetiva (contexto relacional) da instituição, propomos um exercício que oportunize passar da abstração à concretude nas nossas ações enquanto estagiários, para a partir de então, trabalharmos com os alunos concretos que coabitam esse espaço. Doravante, da interação entre campo de estágio concreto, alunos reais e estagiários, emerge um plano de ensino-aprendizagem direcionado a realidade escolar e as demandas do alunado da instituição, e não mais um projeto vazio de significação pautado em abstrações.

## **CAMINHOS E (DESCAMINHOS): A PROPOSIÇÃO DE UM PROJETO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Tendo em vista que “a essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem. [...]. A atividade docente sistemática e científica toma objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) de modo intencional” (PIMENTA, 1995, p. 61), de modo que

um projeto de ensino-aprendizagem se caracteriza como um processo-produto que ultrapassa a dimensão do planejamento com a inserção de um escopo reflexivo (VASCONCELOS, 2002).

Nessa perspectiva, partindo do princípio de que as ações desempenhadas na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado recebem influências de tendências pedagógicas tais como: a progressista, fazendo referência ao construtivismo e ao sociointeracionismo, o projeto de ensino-aprendizagem proposto para o ensino de Geografia na instituição procura se adequar a realidade dos alunos, respeitar a experiência escolar vivenciada por eles em prol da construção de uma consciência crítica-reflexiva.

Durante o estágio realizado, buscamos aprender um pouco sobre os alunos da instituição para adequar o nosso planejamento e reflexões as demandas e necessidades dos alunos. Assim, tendo em vista que a escola atende em grande parcela jovens oriundos da Vila de Ponta Negra, comunidade formada sobretudo por pescadores e profissionais autônomos, constatou-se que muitos dos alunos têm que contribuir com os afazeres domésticos em casa ou até mesmo trabalhar fora para ajudar na renda familiar. Logo, as dificuldades sociais reverberam em dificuldades escolares e os alunos do Ensino Fundamental vem tendo sua capacidade de aprendizado prejudicada em todos os conteúdos disciplinares.

Todavia, a instituição também recebe alunos estrangeiros, de nacionalidades distintas. O que faz com que a escola se caracterize como um ambiente de contrastes, não só no que tange a sua localização, mas também ao público atendido pela escola, o que demanda um esforço diferenciado para se trabalhar com essa diversidade sociocultural.

Perante a análise do rendimento dos alunos em anos anteriores em avaliações externas, como a Provinha Brasil, Prova Brasil e SAEB foram identificadas dificuldades de aprendizagem, sobretudo, no que tange às habilidades de leitura, escrita, interpretação e cálculo. Além desse aspecto também foram observados altos índices de evasão escolar que perpassa não só a questão da aprendizagem, mas também o contexto socioeconômico desigual no qual os alunos da escola se inserem.

No que tange a comunidade escolar, observa-se um afastamento entre a escola, a família e os alunos, pois há um distanciamento entre os dirigentes e funcionários (direção, coordenação, entre outros que compõem o quadro escolar) dos educandos, contribuindo para uma visão mais hierarquizada e distanciada, o que pode vir a estimular o desinteresse e as ações comportamentais não positivas por parte dos alunos, tendo em vista que “o modo de agir dos

alunos é um reflexo direto do modo como eles são tratados, [...] [fazendo com que eles se sintam excluídos” (SILVA, 2019, p. 14).

Nessa conjuntura, como professores em formação, buscamos uma proposta que pudesse, até certo ponto, alcançar essa diversidade. Após refletirmos sobre a realidade da escola, seus sujeitos e infraestrutura, o caminho metodológico escolhido foi a adoção de diferentes linguagens nas práticas propostas para trabalhar com o temário globalização no 9º ano do Ensino Fundamental, que foi a demanda apontada pela supervisora do estágio e professora titular de Geografia da instituição.

Dessa forma, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é um dos documentos normativos da Educação Brasileira, a proposta se fundamenta na unidade temática Mundo do Trabalho, que tem como premissa o desenvolvimento das competências e habilidades EF09GE02, EF09GE05 e EF09GE11, nas quais o aluno deverá ser capaz de analisar fatos e situações para compreender a integração mundial comparando as diferentes interpretações e a dinâmica econômica, cultural e ambiental no processo de globalização.

Destarte, tendo em vista que o processo de aprendizagem tende a ocorrer a partir do interesse e do entusiasmo do aluno pelo conteúdo (STEFANELLO, 2009), partimos da premissa de que a adoção de materiais didáticos alternativos além de facilitar a visualização dos assuntos abordados em aula e proporcionar a interação dos alunos, permitem que eles pensem, reflitam e se interessem pelos temas discutidos no programa da disciplina (FLORES *et al.* 2010, p. 4-5). Assim, dentre os recursos e linguagens utilizadas para trabalhar os conteúdos programáticos em sala de aula estão os mapas, gravuras, *folders*, poemas, pequenos documentários, mapas mentais, *quiz* e música.

O uso de mapas e outros recursos imagéticos possibilitam situações que facilitam a aprendizagem, tendo em vista que “considerar a imagem como material educativo é valorizar uma forma de linguagem que a população de um modo geral tem acesso. [Logo], uma imagem [...] assume papel de elemento problematizador” (ZATTA; AGUIAR, 2008, p. 9). Nessa perspectiva, elementos essencialmente culturais como filmes, músicas, poesias, reportagens jornalísticas, livros de literatura etc., ao serem transpostos como materiais didáticos tendem a aproximar os docentes da linguagem cotidiana dos alunos, facilitando assim a relação de aprendizagem. Todavia, a utilização desses materiais não pode estar desvinculada de um trabalho de planejamento e avaliação do ensino (FLORES *et al.* 2010).

A adoção do gênero filmico no ensino de Geografia envolve estabelecer uma conexão entre a leitura de mundo apresentada em tela e o que está sendo estudado em sala. Portanto, a utilização de pequenos vídeos devido ao seu caráter visual, mexem com a curiosidade e a imaginação dos discentes, despertando o interesse e criando motivação para as aulas (OLIVEIRA JÚNIOR *et al.*, 2014), enquanto que a música se torna um recurso de suma importância e funcionalidade, tendo em vista que

A linguagem musical é uma ferramenta de baixo custo, que pode facilitar e estimular a aprendizagem de conteúdos e conceitos geográficos. A música está inserida na maioria das atividades diárias dos alunos e o seu uso didático pode torná-los mais interessados e motivados a aprender os conceitos e conteúdos da disciplina de geografia. Porém, é necessário ter o cuidado para que não haja desvio de finalidade. De forma alguma, este recurso deve ser utilizado de modo improvisado, e sim, planejado e integrado com a sequência das atividades. (LIMA; AZAMBUJA, 2016, p. 2).

Isto posto, nossa proposta foi trabalhar a partir de letras de músicas que dialogassem com o tema das aulas e com a produção de paródias que tiveram como base para o seu desenvolvimento o conteúdo explorado na disciplina. A paródia foi escolhida para ser trabalhada com os alunos por ser uma atividade lúdica que possibilita a construção de textos a partir dos conteúdos trabalhados em sala de aula, além de exercitar a criatividade e a cooperação dos alunos no trabalho em grupo, num movimento que vai desde a escolha da música a ser parodiada aos recortes do conteúdo utilizados.

A síntese do plano de curso sobre globalização e espaço geográfico produzida durante o estágio pode ser visualizada na Figura 2. Como desdobramento do plano de curso estabelecido foram elaborados alguns produtos didáticos, dos quais selecionamos para o presente trabalho o *folder*, o poema e o mapa mental, apresentados nas Figuras 3, 4 e 5. Todavia, o grande diferencial da proposta foi trabalhar com elementos da realidade dos alunos, como por exemplo, o turismo global que perpassa a Praia de Ponta Negra onde eles residem, os bares, restaurantes, *shopping* e inúmeros prédios comerciais que se difundem pelo bairro, assim como o contraste que pode ser observado entre o entorno da escola e a comunidade onde os alunos residem, que reflete a desigual integração dessas porções territoriais no processo de globalização.

**Figura 2** – Síntese do plano de curso sobre globalização para o 9º ano do Ensino Fundamental

ESCOLA ESTADUAL PROF. JOSÉ FERNANDES MACHADO			
GEOGRAFIA			
<b>CARACTERIZAÇÃO</b>			
Curso: A globalização e o espaço geográfico			
Série: 9ºano		Turno: matutino	Ano: 2022
Carga horária semanal: 1h40min		Carga horária total: 10 hrs	
Ementa: Globalização. Tecnologia. Fluxos. Desigualdades.			
Objetivos: Compreender o processo da globalização, os avanços tecnológicos e científicos, a expansão dos fluxos no espaço globalizado e as desigualdades socioeconômicas e ambientais consequentes da globalização.			
<b>DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO</b>			
Tema	Conteúdo	Aulas	Estratégia de ensino
Globalização	1. A globalização 1.2 Globalização econômica	3	Aulas expositivas dialogadas utilizando como recursos um pequeno documentário e um <i>quiz</i> .
	2. A tecnologia no cotidiano	3	Aulas expositivas dialogadas aliada à pesquisa/seminários.
	3. Fluxos da globalização 3.1 Fluxos de mercadorias 3.2 Fluxos de informações 3.3 Fluxos de capitais 3.4 Fluxos de pessoas	4	Aulas expositivas dialogadas utilizando a linguagem <i>folder</i> e música.
	4. Pobreza e desigualdades	2	Aulas expositivas dialogadas utilizando mapas mentais.
<b>Metodologia:</b>			
- Aulas expositivas dialogadas em associação com a adoção de diferentes linguagens no fazer docente.			

Fonte: Acervo da autora, 2021.

O *folder* elaborado possui diversos elementos referenciais. Na sua concepção foram utilizados diversos materiais dentre os quais: o livro didático adotado pela instituição para a disciplina de Geografia, outros livros didáticos, trecho de música (Parabolicamará de Gilberto Gil), e elementos visuais que possibilitam diferentes reflexões sobre o temário apresentado no *folder*, como podemos observar na Figura 3, o que o caracteriza como um material introdutório ou problematizador para a aula.

Figura 3 – Folder elaborado pelo estagiário parte do plano de curso sobre globalização

**PARA REFLETIR**

Trecho da música

Antes mundo era pequeno  
Porque Terra era grande  
Hoje mundo é muito grande  
Porque Terra é pequena  
Do tamanho da antena parabólicamará  
[-]  
De jangada leva uma eternidade  
De saveiro leva uma encarnação  
Pela onda luminosa  
Leva o tempo de um raio  
[-]

Gil, G. Parabolcamará. In: \_\_\_\_ Parabolcamará. WGA, 1992.

**Globalização**  
Recapitulando ...

- A globalização é um processo de expansão econômica, política e cultural a nível mundial. Sua origem remete ao período das Grandes Navegações no século XVI.

**Fluxos**

- A evolução dos meios de comunicação e de transporte proporcionou um aumento significativo da circulação de pessoas, mercadorias, capitais e informações.
- Os fluxos ocorrem por meio de redes de transporte, formadas por rodovias, ferrovias, hidrovias e aerovias, por onde circulam pessoas e mercadorias; e de comunicação, constituídas por linhas de telefonia, acesso à internet, antenas parabólicas, fios, cabos e satélites, por onde fluem dados e informações, inclusive a movimentação do capital nas bolsas de valores.

**FLUXOS DA GLOBALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA**

9º ano



**Do que trata a música? Em qual problemática ela se insere?**



DGE UFRN

**Fluxos de mercadorias**

- Grande parte do fluxo de mercadorias acontece por meio do transporte marítimo (cerca de 75% do volume de cargas no mundo). Todavia, o transporte aéreo vem ganhando espaço.



**Os fluxos do espaço globalizado**



**Fluxos de pessoas**

Contexto:

- Divulgação sobre a realidade de diferentes regiões;
- Busca de trabalho;
- Busca por melhores condições de vida;
- Fuga de guerras;
- Perseguições políticas e religiosas.
- Migração de regiões menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas.

**Fluxos de capitais**

- Transações financeiras realizadas entre países para compra e venda de ações de empresas, títulos e moedas mais valorizadas (dólar, ouro, iene e libras esterlinas).
- Acontecem de maneira instantânea entre os diferentes países integrados ao mercado global.

**Fluxos de informação**

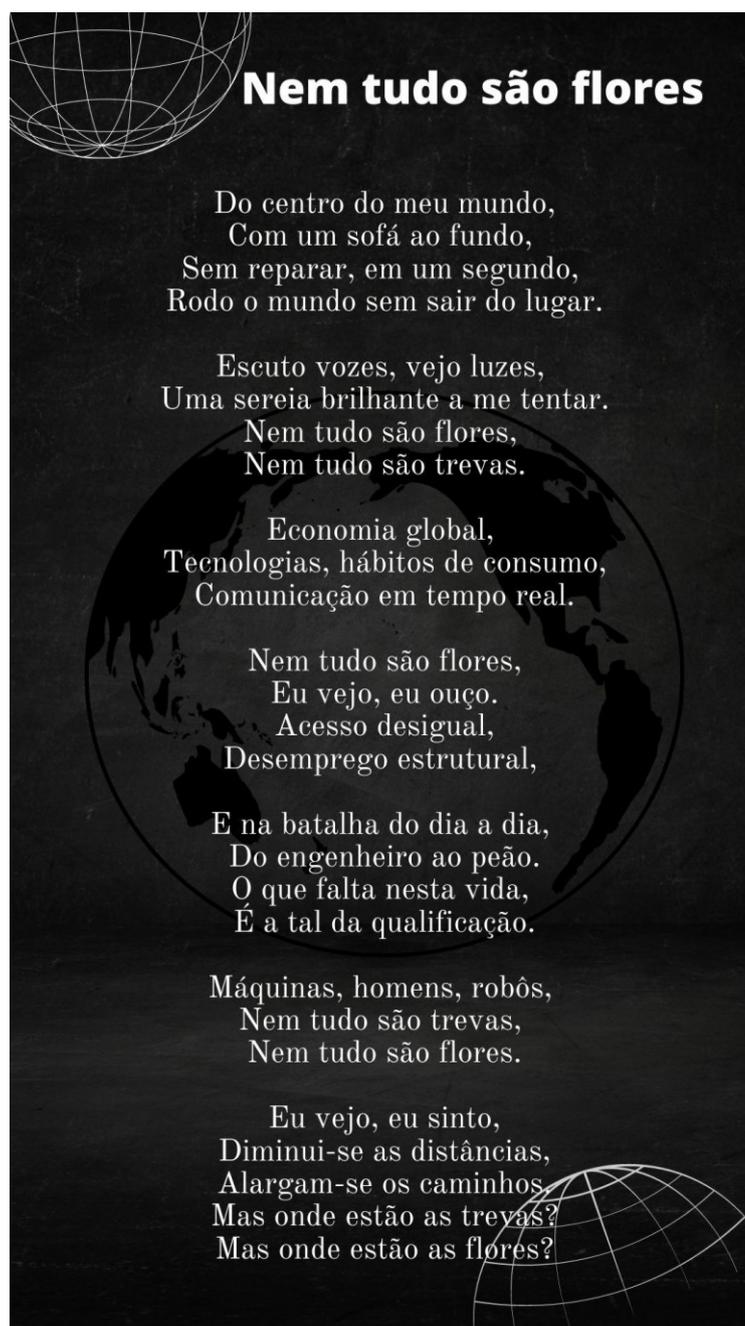
- DISSEMINAÇÃO - evolução da tecnologia, diminuição dos custos de produção e barateamento dos serviços.
- DISTRIBUIÇÃO - fluxo desigual entre países, regiões.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O poema de cunho autoral, assim como o folder, apresenta caráter problematizador ao explorar os desdobramentos da globalização. Nesse sentido, o poema foi introduzido em aula como elemento precursor de reflexões que geraram outras elaborações autorais, dessa vez dos alunos, com posterior socialização em sala de aula. Dessa forma, os alunos puderam expressar a sua concepção e percepção sobre o fenômeno da globalização e a forma como eles se inserem nesse processo.

Figura 4 – Poema elaborado pela estagiária para discutir os desdobramentos da globalização



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Por fim, com o mapa mental (Figura 3) buscamos discutir com os alunos as desigualdades sociais inerentes a globalização, trazendo elementos da realidade do bairro de Ponta Negra para que eles pudessem contrapor a nossa perspectiva, enquanto professores, a deles que vivenciam o bairro de fato, reelaborando o conhecimento apresentado.

**Figura 5** – Mapa mental elaborado para discutir a globalização a partir de elementos da vivência dos alunos



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Em suma, em prol da superação da escola enquanto campo abstrato para a escola concreta, o estágio abre a possibilidade para a mobilização de pesquisas no contexto de ampliação da compreensão das situações vivenciadas e observadas nas instituições, e a partir dessa vivência emergirem projetos de intervenção que suplantem o desenvolvimento do estágio, criando vínculos entre a escola e os futuros professores e novas perspectivas de pesquisa na educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas concepções sobre o papel do estágio na formação docente, muitas das perspectivas correntes levam em direção a uma dicotomização entre teoria e prática, definindo o estágio como um momento prático de um curso de formação profissional. Essa visão por vezes reducionista, contribui para a desvalorização dos conhecimentos teóricos em prol de uma prática pela prática.

Nessa perspectiva, se faz necessária uma resignificação da atividade de estágio com consequente superação da visão da atividade como um exercício prático fundamentado na observação e na regência. Outros caminhos devem ser adotados, que nem sempre são fáceis e prazerosos.

A pesquisa sobre a realidade escolar, o contato com o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino e a elaboração de um projeto de ensino-aprendizagem para um determinado público específico, são exercícios válidos que proporcionam um novo olhar sobre a atividade de estágio, mas também do fazer docente, mostrando caminhos que outrora não seriam explorados, deixando de se tornar potencialidades.

Em suma, a produção de material didático e o planejamento de aulas em consonância com os documentos normativos da instituição de ensino e para o ensino de Geografia, são dimensões importantes para a construção de uma identidade enquanto professor-pesquisador. Contribuindo também para nos familiarizarmos com a rotina de planejamento que nos aguarda no nosso exercício profissional, pois a docência é muito mais ampla do que o momento na sala de aula.

Por sua vez, a execução de um projeto de ensino-aprendizagem colaborativo proporcionou uma troca mais efetiva entre estagiários e alunos, tendo em vista que de certa forma os alunos apresentaram o bairro que residem aos estagiários ao mesmo tempo que elaboravam suas próprias construções sobre a globalização utilizando seus conhecimentos empíricos. Dinâmica que facilitou a interação entre os alunos e os estagiários e um maior envolvimento da turma com as aulas no período de realização do estágio, o que corrobora com a premissa apresentada pela leitura especializada que a aprendizagem ocorre a partir do interesse e envolvimento do aluno com os conteúdos disciplinares.

Nessa conjuntura, a aprendizagem será potencializada num contexto no qual o docente ou estagiário consiga superar a concepção de escola abstrata para a escola concreta no seu fazer docente, utilizando os pontos positivos e também negativos existentes no contexto escolar para ressignificar a sua prática em sala de aula. Todavia, cada realidade escolar é única, assim como a própria ação docente que irá confluir com o perfil da turma para o qual se planeja e se ministra a aula, que diferente bastante, não sendo a utilização de diferentes linguagens e recursos que irá fazer uma prática ou um ensino de qualidade, mas sim, a prática alicerçada numa boa fundamentação teórica retroalimentada por esta mesma prática.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COSTA, T. X. F.; OLIVEIRA, J. S. O direito à alimentação escolar como garantia da dignidade da pessoa humana e desdobramento do direito humano à alimentação adequada. **Revista de**

**Direito**, Campo Grande, v. 4, n. 1, p. 298-318, 2018. Disponível em: <http://core.ac.uk/display/270223938>. Acesso em: 30 jan. 2022.

FLORES, B. O. *et al.* Materiais didáticos: alternativas à prática de geografia. **Anais...** XVI Encontro Nacional de Geógrafos. UFRGS: Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.eng2018.agb.org.br/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado de Educação e Cultura. **Projeto Político Pedagógico**: Escola Estadual Professor José Fernandes Vasconcelos. Natal, 2019.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, ano XX, n. 68, p. 239-277, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/es/a/GVJNtv6QYmQY7WFv85SdyWy/?format=pdf&msckid=13b5f666a9da11ec9faabe32476ff58d>. Acesso em: 01 fev. 2022.

LIMA, M. J.; AZAMBUJA, L. A linguagem musical como recurso didático-metodológico no ensino de geografia. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**, Paraná, v. 1, p. 1-15. 2016. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_art\\_igo\\_geo\\_uem\\_marlenejosedelima.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_art_igo_geo_uem_marlenejosedelima.pdf). Acesso em: 30 jan. 2022.

MACHADO, L. M. Mercado global: a esfinge do presente. *In*: SILVA JÚNIOR, C. A. (Org). **O profissional formado por seu curso está preparado para as exigências da nova ordem mundial?** São Paulo: UNESP, 1996. p. 91-106.

OLIVEIRA JÚNIOR, R. M. *et al.* O uso de vídeos e curtas no aprimoramento das aulas de geografia no ensino básico. **Anais...** VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória - ES, 2014. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/>. Acesso em: 08 fev. 2022

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 94, p. 58-73, 1995. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/277245398>. Acesso em: 30 jan. 2022.

PIMENTA, S. G.; GONÇALVES, C. L. **Revendo o ensino de 2º Grau**: propondo a formação do professor. São Paulo: Cortez, 1990.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3, p. 5-24, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: 03 fev. 2022.

SATO, E. C. M.; FORNEL, S. R. O conhecimento do espaço escolar. *In*: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Orgs.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 52-57.

SILVA, M. E. **Relatório reflexivo de estágio**: Escola Estadual Professor José Fernandes Machado (Machadão). Disciplina de Estágio Supervisionado para Formação de Professores. Natal, 2019.

SOUZA, V. C. Desafios do estágio supervisionado na formação do professor de geografia. *In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Org.). Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão.* João Pessoa: Mídia, 2013, p. 105-130.

STEFANELLO, A. C. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia.** Curitiba: Ibplex. 2009

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VASCONCELOS, C. S. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 10 ed. São Paulo: Libertad, 2002, p. 95-151.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar?** Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 27-86.

ZATTA, C. I.; AGUIAR, W. G. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia.** 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>. Acesso em: 07 fev. 2022.